



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
Faculdade de Administração e Ciências Contábeis
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação



NARA CANDIDO DE VASCONCELOS

MORE: ferramenta facilitadora vna elaboração de referências de trabalhos acadêmicos da ECO/UFRJ

RIO DE JANEIRO
2010

NARA CANDIDO DE VASCONCELOS

MORE: ferramenta facilitadora na elaboração de referências de trabalhos acadêmicos da ECO/UFRJ

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientadora: Professora Mariza Russo.

RIO DE JANEIRO
2010

V331m Vasconcelos, Nara Candido de.

MORE: ferramenta facilitadora na elaboração de referências de trabalhos acadêmicos da ECO/UFRJ / Nara Candido de Vasconcelos.

– Rio de Janeiro, 2010.

39 f. : 30 cm

Orientadora: Mariza Russo

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia).
Faculdade de Administração e Ciências Contábeis. Universidade
Federal do Rio de Janeiro.

1. Normalização 2. Trabalhos acadêmicos – Referências 3. Pesquisa-
ação I. Russo, Mariza, Orient. II. Título.

CDD 020.7

**MORE: FERRAMENTA FACILITADORA NA ELABORAÇÃO DE
REFERÊNCIAS DE TRABALHOS ACADÊMICOS DA ECO/UFRJ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades
de Informação, da Universidade Federal do Rio
de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do
grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Professora Mariza Russo (CBG/FACC)

Mestre em Ciência da Informação

Orientadora

Professora Maria das Graças Freitas Souza Filho (CBG/FACC)

Mestre em Ciência da Informação

Professora convidada

Professora Nadir Ferreira Alves

Mestre em Ciência da Informação (UFRJ)

Professora convidada

*Às minhas famílias,
Dos laços de sangue e de afeto.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, pais e irmãs, pelo apoio, incentivo e colo nas horas de angústia.

Agradeço ao Thiago Cardeal pelo amor, companhia e pela crença inabalável em minha capacidade de vencer.

Agradeço às minhas amigas pela experiência maravilhosa que foram estes quatro anos junto a elas.

Agradeço à Professora Mariza Russo, pela orientação deste trabalho, pela benevolência e paciência que dispensou para que ele se realizasse.

Toda realização é feita pouco a pouco.

André Luiz

RESUMO

VASCONCELOS, Nara Candido de. **MORE**: ferramenta facilitadora na elaboração de referências de trabalhos acadêmicos da ECO/UFRJ, 2010. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Curso de Biblioteconomia Gestão de Unidades de Informação. Faculdade de Administração e Ciências Contábeis. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

Levando em consideração o desenvolvimento das Tecnologias da Informação e da Comunicação, as bibliotecas precisam, constantemente, reformular e adaptar seus produtos e serviços às necessidades de seus usuários. As formas de acesso à informação tornam-se mais atemporais e não respeitam barreiras geográficas devido ao advento da Internet. Sendo assim, é preciso que os profissionais bibliotecários rompam antigos paradigmas e ingressem na rede para se aproximarem das expectativas de seu público-alvo, bem como tomar proveito dos benefícios oferecidos no universo on-line. É neste cenário que é estudado o contexto da Normalização de trabalhos acadêmicos na Universidade Federal do Rio de Janeiro, mais especificamente na Escola de Comunicação. A Normalização da Documentação ainda não ocupa um lugar de prioridade na elaboração de trabalhos acadêmicos e, para diagnosticar esta afirmação, foi feito um estudo com base na elaboração de referências nos Projetos Finais, tais como são chamados os trabalhos entregues à universidade para a obtenção de grau de bacharel em Comunicação Social. Utilizando o método da pesquisa-ação, busca-se por meio de uma intervenção educacional, fazer com que a Normalização esteja presente nas referências dos projetos finais. Para alcançar tal objetivo foi planejada a apresentação e consequente introdução do Mecanismo On-line para Referências, desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Catarina, no cotidiano dos alunos e professores envolvidos no processo, pretendendo assim trazer à tona a prática da Normalização de forma rápida, simples e on-line.

Palavras-chave: Normalização. Trabalhos acadêmicos – Referências. Pesquisa-ação.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	OBJETIVOS	10
2.1	Objetivo Geral	10
2.2	Objetivos Específicos	10
3	NORMALIZAÇÃO	11
3.1	Histórico da Normalização	11
3.2	Normalização da Documentação	14
4	AS BIBLIOTECAS E OS PROFISSIONAIS BIBLIOTECÁRIOS	16
4.1	A Biblioteca Universitária	17
4.2	Competência em Informação	18
4.3	Novo cenário e novos usuários	19
5	MECANISMO ON-LINE PARA REFERÊNCIAS	20
5.1	Histórico	21
5.2	Criação da ferramenta	21
5.3	Características	22
5.4	Aceitação do Mecanismo	23
6	METODOLOGIA	24
6.1	Pesquisa-ação	24
6.1.1	Pesquisa participativa e Pesquisa-ação	25
6.1.2	O Treinamento	26
6.2	Amostra	27
6.2.1	Amostra para o levantamento de dados	27
6.2.2	Amostra para o treinamento	27
6.3	Avaliação	28
7	RESULTADOS	30
7.1	Resultados da análise de dados	30
7.2	Resultados do treinamento no MORE	32
8	CONSIDERAÇÕES	32
	REFERÊNCIAS	35
	APÊNDICE A	37
	APÊNDICE B	38
	APÊNDICE C	39

1 INTRODUÇÃO

Não têm sido poucas as mudanças no ambiente em que se inserem as unidades de informação, a introdução de novas tecnologias, principalmente as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs). Elas, ao passo em que facilitam a publicação e disseminação de informações ao redor do mundo, também dificultam a recuperação de informações de melhor qualidade (ALMEIDA, 2005).

É neste âmbito que estão inseridas as bibliotecas universitárias; estão rodeadas de usuários que interagem, pensam, estudam e conseqüentemente, buscam informações de forma distinta.

Almeida (Id.) afirma que o desenvolvimento das novas tecnologias na área de informação, ao facilitar o acesso a equipamentos e programas computacionais, cria um clima propício à dispersão de sistemas, formais ou informais. A Biblioteca Universitária (BU) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) percebeu este panorama e desenvolveu, com foco neste novo ambiente, uma ferramenta para auxiliar a elaboração de referências nos trabalhos acadêmicos de seus usuários. O que a equipe idealizadora não imaginava era que, por ser de livre acesso e *on-line*, o número de usuários se estenderia não só pelo Brasil, mas pelo mundo todo.

É por ter este cenário de sucesso que a presente pesquisa pretende facilitar e, por conseguinte, melhorar a elaboração de referências, tarefa esta considerada por muitos como de difícil execução.

A presente pesquisa encontra-se dividida em oito partes distintas: após essa primeira parte, que corresponde à Introdução do trabalho, a segunda parte discrimina os objetivos do estudo; a terceira, a quarta e a quinta parte destinam-se a fundamentar os temas relevantes para a pesquisa. A sexta parte focaliza a Metodologia empregada no trabalho; a sétima apresenta os resultados encontrados e, por fim, na oitava e última parte são tecidas algumas considerações sobre o estudo.

2 OBJETIVOS

Os objetivos estabelecidos para a pesquisa elaborada serão descritos a seguir, dividindo-se em duas seções:

- a) objetivo geral, para estabelecer as idéias e metas que se pretende atingir; e
- b) objetivos específicos, para denotar as ações que serão realizadas (MATUS SEPÚLVEDA, 2006).

2.1 Objetivo Geral

Contribuir para facilitar a elaboração de referências nos trabalhos acadêmicos dos alunos da Escola de Comunicação (ECO/UFRJ), por meio do uso do Mecanismo On-line para Referências (MORE).

2.2 Objetivos Específicos

Como objetivos específicos, esta pesquisa almeja:

- a) ressaltar a importância da Normalização da Documentação na elaboração de trabalhos de final de curso, mais especificamente no que tange à normalização das referências, utilizando a ABNT NBR 6023:2002;
- b) intervir, através de um treinamento, de forma a facilitar a elaboração de referências pelos alunos com o uso do Mecanismo On-line de Referências, produzido pela UFSC; e
- c) levar para a comunidade acadêmica da ECO/UFRJ a contribuição dos conhecimentos técnicos inerentes à formação acadêmica do curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação.

3 NORMALIZAÇÃO

Para fins de mais esclarecimentos, serão apresentados alguns conceitos relevantes à atividade de Normalização, e quando usados neste trabalho, estes conceitos, deverão conotar os significados descritos a seguir:

É considerado como norma, segundo sua significação, aquilo que se adota como base ou medida para a realização ou avaliação de algo¹; é ainda um princípio, regra, modelo ou padrão que se determina para algo.

Existe divergência entre os conceitos de normalização e normatização, muito embora eles sejam amplamente divulgados como sinônimos. Para Vargas (2006, p.1), “normalizar é submeter algo a normas, padronizar, enquanto normatizar é estabelecer normas para alguma coisa, ação ou processo”.

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) tem como objetivo a atividade de estabelecer “em relação a problemas existentes ou potenciais, prescrições destinadas à utilização comum e repetitiva com vistas à obtenção do grau ótimo de ordem em um dado contexto”². Isto significa que a Normalização tem grande vínculo com a padronização de produtos, sejam eles tangíveis ou não, para que consumidores não sejam lesados com as inconsistências na elaboração dos mesmos.

Isto justifica o foco na atividade de Normalização da Documentação, visto que a elaboração de um documento é produto do desenvolvimento de uma pesquisa, e ainda, do desenvolvimento do conhecimento de uma determinada área do conhecimento.

3.1 Histórico da Normalização

A Normalização tem início juntamente com a humanidade e suas concepções e valores culturais, pois no passado, a sociedade era regida por valores comuns. Surgiram assim, segundo o Centro de Capacitação de Recursos Humanos (CCRH), os primeiros padrões de vida, tais como:

- a) costumes e regras comuns em torno da organização familiar;
- b) linguagem comum;
- c) escrita figurada;
- d) símbolos fonéticos;
- e) roupas e abrigos;

¹Verbetes “norma” (FERREIRA, 2001).

² Definição presente no *website* da ABNT. Disponível em:
<<http://www.abnt.org.br/default.asp?resolucao=1440X990>>. Acesso em: 16 dez. 2009.

- f) religião;
- g) divisão de tempo (calendários, horas do dia, estações do ano etc.)
- h) dinheiro;
- i) pesos e medidas;
- j) leis etc. (CENTRO..., 1985)

Porém, foi com o desenvolvimento do comércio que o estabelecimento de normas cresceu significativamente. A necessidade de equivalência de medidas foi um dos principais motores de criação de normas técnicas para produtos. O desenvolvimento das indústrias (Revolução Industrial) e os períodos de pós-guerra também impulsionaram o crescimento da padronização, tanto no âmbito nacional quanto internacional.

Segundo o CCRH:

o progresso industrial introduziu, em escala crescente, a normalização e produção em massa. As operações industriais passaram a ser feitas de maneira mais uniforme, reduzidas à rotina; eram subdivididas [...] em operações elementares, sendo cada uma delas entregue aos cuidados de máquinas especializadas (Id., p. 8).

A mecanização possibilitou um maior controle e padronização dos produtos que eram produzidos. Diferentemente da elaboração artesanal, em que cada produto tinha uma especificidade, a mecanização trouxe a rapidez, uniformidade e produção em larga escala.

No período de pós-guerra, porém, se iniciou o processo de normalização internacional tal como aponta o CCRH:

a normalização já havia sido reconhecida como um processo capaz de garantir a intercambialidade não só dentro de uma mesma fábrica, como também entre uma fábrica e outra. Por outro lado, já era reconhecida também a importância da criação de normas em nível industrial e em nível internacional. No século XX, começou a se desenvolver um movimento de normalização em nível internacional. As experiências sofridas durante a Primeira Guerra Mundial revelaram ainda outras potenciais vantagens da normalização (CENTRO..., 1985, p. 9).

Em outras palavras, foi no período do pós-guerra que a normalização sobressaiu-se, pois os países atingidos pela destruição tiveram que se reconstruir em muito pouco tempo e a saída era a importação de materiais de construção dos países que ainda mantinham de pé suas fábricas.

Uma lista de benefícios da normalização foi feita pela ABNT; a instituição enumera algumas vantagens que são alcançadas quando, indivíduo ou empresa, se dispõem a submeter seus produtos às normas por ela desenvolvidas. São eles³:

- a) melhorar produtos e serviços;
- b) atrair consumidores;
- c) aumentar sua margem de competitividade;
- d) agregar confiança ao seu negócio;
- e) diminuir a possibilidade de erros;
- f) reduzir seus custos;
- g) tornar seus produtos compatíveis;
- h) atender a regulamentos técnicos;
- i) facilitar a exportação de seus produtos; e
- j) aumentar suas chances de sucesso.

Apesar do enfoque que esta lista apresenta na vertente de comércio, negócios, empresas etc., a ABNT também é responsável pela Normalização da Documentação e alguns destes benefícios são aplicáveis ao enfoque deste trabalho.

Com a elaboração de referências em trabalhos acadêmicos, seguindo as normas prescritas pela ABNT, o autor dá à sua pesquisa um nível elevado de qualidade, atrai leitores, torna seu trabalho compatível com o que é esperado em uma universidade de renome – tal como a UFRJ – atende à demanda da metodologia e com isso é mais bem avaliado.

3.2 Normalização da Documentação

Guinchat e Menou (1994) definem que:

³ Informações retiradas do *website* da ABNT. Disponível em:
<http://www.abnt.org.br/m3.asp?cod_pagina=959>. Acesso em: 23 out. 2010.

Normalização é uma atividade coletiva que tem por objetivo o desenvolvimento de normas. Uma norma é a fórmula que tem valor de regra, em geral indicativa e algumas vezes imperativa. Ela define as características do uso, bem como as características de um procedimento e/ou de um método. (GUINCHAT; MENO, 1994, p. 433).

Portanto, a Normalização, tem o caráter de determinação das características de procedimentos que resultarão na apresentação de, neste caso, documentos, seguindo a natureza intelectual ou qualitativa que é inerente aos trabalhos técnicos e científicos.

Organismos se ocupam com a tarefa de elaboração de normas; o principal organismo de Normalização é a International Standardization Organization (ISO) que, segundo Guinchat e Menou (Id., p. 435), tem o “objetivo de favorecer o desenvolvimento da Normalização no mundo e realizar um entendimento mundial nos campos intelectual, científico, técnico e econômico”.

No âmbito nacional, os organismos credenciados pela ISO servem como reguladores das normas de cada país. No Brasil, esse organismo é a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que foi fundada no ano de 1940, com a proposta de criar uma entidade nacional para a elaboração de normas técnicas.

A ABNT é composta por comitês que discutem e trabalham sobre diferentes focos de atuação; o Comitê Brasileiro de Informação e Documentação (ABNT/CB-14) é o responsável pela elaboração dos termos de Normalização da Documentação.

Um aspecto importante é ressaltado por Guinchat e Menou: a não obrigatoriedade da aplicação das normas técnicas.

A utilização das normas, salvo em casos precisos, como segurança e contratos firmados com o Estado, não é obrigatória. Elas têm valor como indicação ou guia e se referem, em geral, aos aspectos essenciais de um produto ou de um procedimento, deixando aos usuários uma margem de adaptação [...]. Entretanto, a utilização das normas resulta [na verdade] em economia de custos, tempo e trabalho. (GUINCHAT; MENO, 1994, p. 438).

Em outras palavras, embora o uso das normas não seja obrigatório, esta aplicação concede ao documento maior disseminação e maior facilidade no processamento e posterior recuperação durante o ciclo da informação⁴.

As normas utilizadas na elaboração de trabalhos acadêmicos são:

- a) ABNT NBR 6023:2002 – Informação e documentação – Referências – Elaboração;
- b) ABNT NBR 6024:1989 – Numeração progressiva das seções de um documento – Procedimento;
- c) ABNT NBR 6027:1989 – Sumário – Procedimento;
- d) ABNT NBR 6028:1990 – Resumos – Procedimento;
- e) ABNT NBR 6034:1989 – Preparação de índices de publicações – Procedimento;
- f) ABNT NBR 10520:2002 – Informação e documentação – Apresentação de citações em documentos; e
- g) ABNT NBR 12225:1992 – Títulos de lombada – Procedimento.

Para a escrita do trabalho acadêmico, ainda são utilizadas as seguintes fontes:

- a) CÓDIGO de Catalogação Anglo-americano. 2.ed. São Paulo: FEBAB, 1983-1985.; e
- b) IBGE. **Normas de apresentação tabular**. 3.ed. Rio de Janeiro, 1993.

Contudo, tal como foi dito anteriormente, o foco desta pesquisa é a elaboração de referências em trabalhos acadêmicos. A norma que trata especificamente deste item é a ABNT NBR 6023:2002. Ela apresenta como seus objetivos:

- a) estabelecer os elementos a serem incluídos em referências;
- b) fixar a ordem desses elementos e estabelecer convenções para transcrição e apresentação da informação originada do documento e/ou outras fontes de informação; e
- c) orientar a preparação e compilação de referências de material utilizado para a produção de documento e para inclusão em bibliografias, resumos, resenhas, resenhas e outros.

⁴ O modelo do ciclo da informação (ou de transferência da informação) foca os processos de produção, acumulação, uso de conhecimentos e produtos (DODEBEI, 2002).

Rother resume na passagem abaixo a importância da normalização no âmbito das publicações científicas e justifica, mais uma vez, a importância deste estudo:

A normalização, como atividade reguladora, unifica formatos, procedimentos, favorece e facilita o registro das informações para os meios impressos e/ou eletrônicos e permite a recuperação mais efetiva de documentos em sistemas de informação, além de garantir uma padronização que facilita o uso e a disseminação de seu conteúdo (ROTHER, 2007, p. 1).

4 AS BIBLIOTECAS E OS PROFISSIONAIS BIBLIOTECÁRIOS

A mudança de paradigma e as alterações que acontecem constantemente no ambiente externo à biblioteca devem fazer com que a postura e o posicionamento dos profissionais também se modifiquem com relação à oferta de produtos e serviços. É com base nestas premissas que a próxima seção será desenvolvida.

4.1 A Biblioteca Universitária

Um posicionamento encontrado na literatura estudada, quanto à existência das bibliotecas em instituições de ensino é o de Sousa e Fujino (2009), que aponta que elas existem apenas por determinação jurídica e não para servir de elemento de apoio à Educação. Isto se torna ainda mais claro em algumas bibliotecas universitárias, onde a falta de iniciativa parte tanto da instituição quanto dos profissionais (professores e bibliotecários) e é refletida em uma proposta pedagógica que não une estas partes em um único objetivo: o de formar pesquisadores que possam, com qualidade, produzir estudos que favoreçam o desenvolvimento de uma determinada área do conhecimento.

Esta união, que fomenta o desenvolvimento de uma proposta ideal da atuação da biblioteca em unidades de ensino/aprendizagem é baseada em um diálogo entre todos os envolvidos, mas principalmente entre professores, pedagogos, alunos e os bibliotecários responsáveis.

Não se pode generalizar quanto à falta de iniciativas por parte das bibliotecas universitárias, visto que muitas tentam, a partir de treinamentos, desenvolver nos alunos as competências de busca, tal como é exposto por Sousa e Fujino (Id.). Quando dizem

que “a biblioteca universitária tem investido na educação do usuário na perspectiva do *treinamento* no uso de recursos, mas o novo usuário precisa aprender a problematizar e elaborar planos de pesquisa” (Id. p. 1.782, grifo do autor).

O treinamento⁵ proposto nessa pesquisa é recomendado para a situação diagnosticada, pois oferece:

- a) baixa carga horária;
- b) facilidade de acesso proporcionada pela *Internet*;
- c) praticidade de elaboração de referências – em virtude do uso do MORE; e
- d) percepção dos resultados a curto prazo.

Muito embora as autoras tenham ressaltado a necessidade de capacitar usuários, visando torná-los autônomos em seu processo de aprendizado e pesquisa, o treinamento ainda é uma solução tangível às atividades que buscam atingir resultados em pouco tempo, tal como é o caso dessa pesquisa.

4.2 Competência em Informação

Há ainda outro fator que dificulta o desempenho do papel do bibliotecário em seu caráter educador: a falta de consciência de que o pesquisador deve ser instruído para poder, de forma autônoma, elaborar seus estudos.

O desenvolvimento desta capacidade, também chamada de *Information Literacy*⁶, é muito discutido na área de Biblioteconomia e tal como esclarece Bruce este conceito significa “a habilidade em localizar, organizar e utilizar a informação efetivamente para determinados objetivos” (BRUCE, 1997, p.2).

Ainda segundo a autora, a competência em informação é concebida em sete categorias e estas que são apresentadas na Tabela 1.

⁵ Por treinamento entende-se: “tornar apto para determinada tarefa ou atividade” (FERREIRA, 2001)

⁶ Literacy significa “ter capacidade para ou sobre” (LAU, 2007)

Tabela 1 – As sete categorias da Competência em Informação

CATEGORIA	FOCO
Tecnologia da informação	Recuperação, acesso e manipulação da informação.
Fontes de informação	Conhecimento de fontes de informação e habilidade para acessá-las.
Processo de informação	Habilidade para lidar com ausência de conhecimento ou informação.
Controle de informação	Uso da memória e do computador para armazenar informação.
Construção do conhecimento	Usar informação de forma crítica para construir uma nova base de conhecimento.
Extensão do conhecimento	Uso da informação envolvendo a intuição e a criatividade.
Sabedoria no uso do conhecimento	Uso da informação em benefício próprio e dos outros.

Fonte: Adaptado de BRUCE (1997).

4.3 Novo cenário e novos usuários

O cenário no qual se encontram as bibliotecas atuais é totalmente diferente do que se apresentava há algumas décadas atrás. As mudanças mais profundas decorrem da introdução e do desenvolvimento das TICs; estas influenciam não só na forma com que a informação é produzida, mas também em sua busca e acesso. É com base neste fato que se pode dizer que as necessidades informacionais dos usuários tornam-se cada vez mais exigentes e seguem parâmetros novos, muitas vezes desconhecidos pelos profissionais que trabalham com a informação.

Souza e Fujino, afirmam que “atualmente encontramos bibliotecas voltadas para diferentes públicos e com acervos que diferem não só em termos de conteúdo, mas também em suportes digitais ou virtuais” (SOUSA; FUJINO, 2009, p. 1.781). Estes novos formatos também decorrem de um produto das TICs: a *Internet*.

Ainda segundo estas autoras, “as novas tecnologias permitem grande difusão e acesso às informações, principalmente àquelas trazidas pela *Internet*; novos espaços educativos estão em formação e a aprendizagem não precisa mais de tempo e espaço definidos” (Id., p. 1.781).

Esta característica da atemporalidade e do acesso sem fronteiras à informação ressalta ainda mais a necessidade de adaptar os serviços oferecidos por uma biblioteca. A adaptação é importante, não só para que o usuário seja atendido de acordo com as suas expectativas, mas também pela influência que a biblioteca sofre do ambiente externo no qual ela está inserida.

As novas tecnologias afetam a forma com que o serviço pode ser oferecido e isso também reflete na forma com que o usuário passa a buscar determinada informação. É por isso que os profissionais bibliotecários, que hoje atuam como elo entre produtores e usuários da informação, devem desenvolver habilidades que os possibilitem prever as mudanças, diagnosticar problemas e adequar seu serviço às novas demandas da sociedade.

Perrotti e Pieruccini descrevem bem o cenário em que estão situadas as bibliotecas atualmente:

informar e informar-se envolvem saberes e fazeres especiais e especializados que diferentemente de atitudes, competências e habilidades exigidas em passado culturalmente distinto e cada vez mais distante, dificilmente se constituem no simples fluxo do existir cotidiano (PERROTTI; PIERUCCINI, 2007, p. 52 apud SOUSA; FUJINO, 2009, p. 1.783, grifo do autor).

5 MECANISMO ON-LINE PARA REFERÊNCIAS

O Mecanismo On-line para Referências é produto da união entre a Biblioteca Universitária (BU), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e o Laboratório de Experimentação Remota (RExLab), representados por Maria Bernadete Martins Alves (bibliotecária) e Leandro Luís Mendes, sob a coordenação de João Bosco da Mota Alves (respectivamente aluno de graduação em Sistemas de Informação e professor titular do Departamento de Informática e de Estatística, INE, além de ser coordenador do RExLab na época da elaboração da ferramenta).

5.1 Histórico

A primeira iniciativa de educação à distância para auxílio ao usuário se deu por meio de um tutorial *on-line* para elaboração de referências. Disponível para acesso, desde o ano de 1998, o tutorial recebeu grande aceitação, visto que houve acessos de usuários internos e externos à universidade, além da disseminação da fonte (o link do tutorial) através de *websites*.

Em trabalho apresentado no Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, no ano de 2006, a experiência é retratada como um sinal positivo, servindo como incentivo para a criação de um projeto novo: “a construção de uma ferramenta *on-line* e gratuita que fosse além de um tutorial” (ALVES; MENDES; ALVES, 2006, p. 3).

5.2 Criação da ferramenta

A ferramenta desenvolvida pela BU e pelo RExLab, foi denominada de MORE – Mecanismo On-line para Referências. Foi formatada através do padrão de elaboração de referências estabelecido pela ABNT na NBR 6023:2002, norma a qual estabelece as diretrizes sugeridas para adoção de referências no território brasileiro.

A versão Beta do mecanismo foi disponibilizada na web no ano de 2005, seguida pela versão 1.0, lançada em fevereiro de 2006. Houve nesta mudança o acréscimo de novas funcionalidades, são elas⁷:

- a) pesquisa de referências;
- b) criação de contas pessoais; e
- c) função de salvar referências.

Desta forma, percebe-se que o MORE realmente vai além de um tutorial para elaboração de referências, ele é um gerenciador e uma fonte de informação para pesquisa de referências produzidas anteriormente pelo usuário.

⁷ Todas elas a partir da criação de um *login* de usuário.

5.3 Características

Levando em consideração esta diretriz tomada para incrementar o MORE de forma a torná-lo uma ferramenta de auxílio na elaboração de referências para trabalhos técnico-científicos de seus usuários, são levantadas suas principais características:

- a) adota como padrão a NBR 6023:2002 elaborada pela ABNT;
- b) produz automaticamente citações no texto e referências através do preenchimento de alguns campos;
- c) possibilita a busca de referências que já foram elaboradas no mecanismo aos usuários com *login*, pois este salva e armazena os registros de todos os usuários, cadastrados ou não;
- d) permite a exportação da bibliografia para um arquivo texto formatado de acordo com as determinações da ABNT;
- e) contempla quinze tipos de fontes para elaboração de referências, gerando automaticamente cada uma de suas peculiaridades; e
- f) automatiza alguns procedimentos que são comumente esquecidos pelos usuários, tais como inversão dos nomes do(s) autor(es) – sobrenome, prenomes – uso de maiúsculas e minúsculas, grifo do título, pontuação etc.

Outra principal característica, que pode justificar inteiramente o sucesso da ferramenta, é o desenvolvimento e aperfeiçoamento do MORE mediante o *feedback* dos usuários. O paradigma utilizado na elaboração do projeto é centrado no usuário e, fazendo as modificações com suas opiniões e críticas recebidas, o alcance da qualidade será alcançado juntamente com a satisfação das expectativas do público (ALVES; MENDES; ALVES, 2006).

Um fato que é levantado, pela equipe idealizadora do mecanismo, como fator de sucesso, é a presença de um profissional bibliotecário na equipe. Isto demonstra mais uma das facetas que podem ser desempenhadas por bibliotecários, contudo, é importante ressaltar que a equipe multidisciplinar é quem deu forma ao projeto e que juntos, obtiveram êxito e reconhecimento dos usuários.

As equipes multidisciplinares são uma constante nas organizações atuais, visto que as necessidades dos usuários são complexas e que as diversas áreas podem juntas, descobrir uma melhor forma para supri-las.

5.4 Aceitação do Mecanismo

Foi realizado um estudo, pela equipe criadora do MORE, para conhecer o alcance da ferramenta, determinando assim informações sobre o posicionamento geográfico do usuário e suas características de acesso.

A dificuldade de um levantamento neste caso é clara, pois por ser uma ferramenta *on-line*, a equipe precisaria de instrumentos específicos para contabilizar os dados de acesso, e não utilizar as técnicas mais comumente usadas nestes casos, como por exemplo, a observação direta ou a entrevista.

A ferramenta escolhida para auxiliar no diagnóstico de acesso ao site por internautas, foi o *Google Analyser*⁸. Foram monitorados características de acesso, número de visitantes, horários de acesso entre outros indicadores.

Percebeu-se, portanto, que no período de um mês, o número de acessos ao MORE foi, em média, de 415 visitantes por dia ou 17 por hora; através dos dados recolhidos é possível também determinar que:

tomando as medidas de duração média da visita (cinco minutos) e de páginas por visita (duas), pode-se concluir que os usuários fazem em média uma referência, pois para realizar qualquer referência no MORE, precisa-se primeiro acessar a página e depois acessar outra página com o formulário desejado (ALVES; SOUZA; ALVES, 2008, p.6).

A equipe idealizadora afirma que investimentos em infra-estrutura tiveram de ser feitos, pois a abrangência do uso do mecanismo crescia e sobrecarregava o servidor que abrigava o MORE inicialmente. Agora, com um servidor apenas para si próprio, é possível mensurar a importância dada pela instituição e também pelos usuários ao mecanismo que gera as referências tal como sugere a ABNT.

⁸ Google Analyser. Disponível em: < <http://www.google.com/analytics/>>. Acesso em: 26 out. 2010.

Segundo os autores, “a visibilidade e o impacto dessa ferramenta podem ser conferidos pelos seguintes indicadores: número de visitas recebidas, mas de 270 mil⁹ desde seu lançamento¹⁰ [...] e nas centenas de e-mails recebidos [como *feedback*]” (Id., p. 7)

6 METODOLOGIA

Adiante será descrito o método adotado para a coleta de dados a fim de identificar a situação da normatização dos trabalhos acadêmicos.

6.1 Pesquisa-ação

A pesquisa aqui descrita será desenvolvida com um caráter participativo, ou seja, tanto pesquisador quanto atores envolvidos na questão da elaboração de referências trabalharão juntos, para a melhora da questão da Normalização das mesmas.

Thiollent conceitua a pesquisa-ação como:

pesquisa e ação em um processo no qual os atores implicados participam, junto com os pesquisadores, para chegarem interativamente a elucidar a realidade em que estão inseridos, identificando problemas coletivos, buscando e experimentando soluções em situação real. *Simultaneamente, há produção e uso de conhecimento.* (THIOLLENT, 2009b, p. 2, grifo nosso).

É por este motivo que a metodologia da pesquisa-ação foi eleita para reger a apresentação e tentativa de introdução de uma ferramenta, que auxilia de forma significativa a elaboração de referências, no cotidiano dos estudantes e professores. O método da pesquisa-ação facilitará na identificação das principais dúvidas e dificuldades dos estudantes, além de poder servir como fonte de informações sobre a experiência vivida, facilitando a descrição do evento neste documento.

Muito embora, neste caso, haja uma solução que já foi desenvolvida pela necessidade dos usuários identificada pela UFSC, o que urge é a disseminação não só da importância

⁹ O número atualizado, em 27 out. 2010, é de 669.122 acessos.

¹⁰ O MORE foi lançado no mês de setembro do ano de 2005.

da Normalização, mas de ferramentas que auxiliem na elaboração de referências tal como sugere a ABNT.

O uso de conhecimento, mencionado por Thiollent (2009b) na citação anterior, apresenta-se condensado no mecanismo, tornando o seu uso inconsciente e até mesmo automático. Por outro lado, o conhecimento produzido, que é citado pelo autor, resume-se no relato de experiência vivido pelo pesquisador e pelos participantes do treinamento.

Outro fator que reafirma a escolha deste método para o desenvolvimento do estudo é que este, segundo Thiollent (2009a, p. 11) “é [...] um instrumento de trabalho de investigação com grupos, instituições, coletividades de pequeno ou médio porte”. A UFRJ é uma instituição de ensino superior de grande porte, contudo, o universo de pesquisa que se utilizou aqui (ECO/UFRJ) pode ser avaliada como uma unidade de médio porte.

6.1.1 Pesquisa participativa e Pesquisa-ação

Os dois conceitos são comumente dados como sinônimos na comunidade acadêmica. Todavia, Thiollent (Id., p. 9-10) ressalta como elemento diferenciador das duas expressões o fato de que na pesquisa-ação, além da participação do pesquisador e dos atores, é necessário que haja alguma forma de ação de caráter social, educacional, técnico ou outro, especificidade que não é encontrada nas pesquisas participativas.

Tendo em vista a proposta de demonstração da ferramenta e disponibilização para alunos e professores da ECO/UFRJ, o caráter educacional é identificado nesta pesquisa. Por este motivo, a metodologia é chamada de pesquisa-ação, e não somente de pesquisa participativa, muito embora a pesquisa-ação seja em seu íterim uma forma de pesquisa participativa.

6.1.2 O Treinamento

O emprego desta metodologia no presente trabalho se justifica pela eficiência do método na obtenção de dados qualitativos pelo alto grau de contato entre pesquisador e atores.

Desta forma, será mais fácil administrar quaisquer dificuldades e sugestões que possam surgir, além da maior abrangência na troca de informações, visto que haverá diálogo entre todos os participantes.

A ação educacional planejada para compor o método de pesquisa é, basicamente, uma palestra, na qual serão apresentadas:

- a) noções do conceito de trabalho acadêmico, apresentado pela ABNT NBR 14724:2005;
- b) noções do conceito de referências e sua apresentação em um documento;
- c) informações e características do MORE; e
- d) treinamento nos três principais tipos de referências nas quais foram identificados desacordos na amostra dos trabalhos acadêmicos analisados.

Não se pretende, contudo, denominar propriamente a palestra como uma capacitação de usuário¹¹, visto que não se pretende utilizar-se de formas para instruir indivíduos a buscar e utilizar informações, posteriormente, de forma autônoma. Embora seja uma forma de contribuir para que a Normalização de trabalhos se faça presente, o usuário não o fará por conhecimentos próprios, e sim com o auxílio de um mecanismo elaborado para gerar automaticamente as referências, de acordo com as informações dadas pelo usuário no preenchimento dos campos disponíveis. Por outro lado, não se pode dizer que o treinamento do usuário no MORE tenha deixado de se caracterizar como capacitação no acesso a uma ferramenta de trabalho de pesquisa.

6.2 Amostra

Para alcançar os objetivos anteriormente explicitados, sem que se perca a precisão da pesquisa, devido à dimensão do número de estudantes da grande instituição que é a UFRJ, foi delimitada uma amostra. A composição desta envolveu os alunos da Escola de Comunicação (ECO/UFRJ) e os trabalhos de conclusão de curso por eles elaborados.

¹¹Este conceito representa o treinamento em recursos de informação e normas de documentação com o objetivo de propiciar aos usuários envolvidos no processo de ensino/aprendizagem, os conhecimentos necessários à aquisição de habilidades para a busca e uso da informação (UFSC. Programa de capacitação. Disponível em: <[HTTP://www.bu.ufsc.br/modules/conteudo/print.php?id=48](http://www.bu.ufsc.br/modules/conteudo/print.php?id=48)>. Acesso em: 27 set. 2010).

6.2.1 Amostra para o levantamento de dados

Com o intuito de melhor organizar e planejar a explanação sobre o mecanismo desenvolvido pela UFSC, foi feito um levantamento de projetos finais (como são chamados na unidade) de alunos concluintes dos cursos da ECO, no ano de 2009. O número considerado pela amostra é de dez projetos para cada um dos quatro cursos oferecidos: Jornalismo, Propaganda e Marketing, Radialismo e Produção Editorial¹². Os dados de interesse para a pesquisa foram registrados em um formulário preparado para essa coleta (ver Apêndice A).

6.2.2 Amostra para o treinamento

O convite para a apresentação do MORE foi aberto também aos professores, dando preferência aos que ministram as aulas de Metodologia de Pesquisa ou aos professores que estão envolvidos com orientação de alunos.

Tal como dito anteriormente, a amostra utilizada para a pesquisa será formada por alunos e professores da ECO/UFRJ. A escolha recaiu nessa unidade, pelo fato de que a sua biblioteca é uma das poucas, na UFRJ, que armazenam versões impressas dos trabalhos de conclusão de curso dos alunos de graduação.

A restrição ao *campus* da Praia Vermelha se justifica pela proximidade física do Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação e conseqüente facilidade de coleta de dados, treinamento, acompanhamento e disseminação dos resultados da pesquisa.

A forma de participação na demonstração do MORE será por convite exposto em cartaz na biblioteca da unidade, bem como pela distribuição de panfletos para os alunos da ECO/UFRJ (ver Apêndice B). A confirmação da inscrição será requerida apenas para certificar-se de que o número de alunos/professores interessados será acolhido pelo laboratório de informática onde será realizada a apresentação.

¹² Levou-se em consideração os trabalhos entregues às disciplinas de códigos ECAY01, ECAY02, ECAY03 e ECAY04.

Com isto pretende-se também atender a uma característica do método: a cooperação. Aqueles que se inscreverem estarão, de forma voluntária, participando e cooperando para o desenvolvimento da pesquisa, seguindo assim a proposta exposta por Thiollent, na qual ele afirma que esta é:

um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os *participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo* (THIOLLENT, 2009a, p. 16, grifo nosso).

6.3 Avaliação

Almeida (2005) define o ato de avaliar como a atribuição de valor, julgamento de mérito e relevância e medição do grau de eficiência e eficácia, além do impacto causado pelas ações desenvolvidas.

Por eficiência, entende-se a relação entre recursos (sejam eles de origem financeira, materiais ou humanos) e sua aplicação bem como os benefícios alcançados. Para Almeida (Id., p. 14), “a gestão de um projeto ou serviço será tão mais eficiente quanto menor for o seu custo e maior o benefício alcançado, no contexto dos objetivos fixados”.

Já a eficácia detém grande vínculo com os resultados, mensurando o grau com que os objetivos do projeto foram alcançados. Este é medido pela satisfação dos usuários, considerando a rapidez e precisão desejadas.

Tendo em vista estas duas definições, pode-se dizer que a programação desta pesquisa visou, simultaneamente, atingir tanto a eficiência quanto a eficácia. Isto se deve pelo fato da preocupação de se manterem baixos os investimentos monetários na abordagem dos estudantes (panfletos e cartazes), na execução do treinamento (utilização de um laboratório da própria UFRJ) e na utilização de uma ferramenta on-line gratuita para a elaboração de referências (MORE), que deram enfoque à eficiência. Todavia, para atingir a eficácia, foi planejada uma avaliação do treinamento pelos alunos e professores participantes (ver Apêndice C).

Desta forma, a pesquisa aqui desenvolvida pretendia contar com uma avaliação, pois esta é a forma com que se consegue revisar objetivos e metas da ação, podendo assim direcionar e redirecionar as ações pretendidas (ALMEIDA, 2005, p. 13). Esta opção de redirecionamento, contudo, é fruto da avaliação constante durante o projeto. A avaliação planejada nesta pesquisa visava, principalmente, entender a percepção do usuário quanto à ação educativa proposta.

Almeida (Id., p. 11) afirma que a avaliação “no final do processo, permite comparar resultados esperados e conseguidos, conhecer o nível de satisfação do público-alvo e os efeitos do planejamento”. Esta era, por fim, a pretensão da pesquisa no momento em que foi planejada a avaliação.

7 RESULTADOS

A seguir, serão demonstrados os resultados obtidos nas duas fases do estudo, sendo a primeira a análise das referências dos trabalhos acadêmicos e a segunda, a percepção dos alunos e professores com relação ao treinamento.

7.1 Resultados da análise de dados

No total, foram analisados 39 trabalhos e 1.145 referências. A proposta inicial para a amostragem (40 trabalhos) não pode ser realizada visto que um dos projetos finais, entregues no ano de 2009, do curso de Produção Editorial, não foi localizado no acervo. Desta forma, o número projetos e de referências analisados foi tal como mostra a Tabela 2.

Tabela 2 – Número de referências analisadas por curso da ECO/UFRJ

CURSO	NÚMERO DE PROJETOS FINAIS ANALISADOS	NÚMERO TOTAL DE REFERÊNCIAS ANALISADAS
Produção Editorial	9	280
Jornalismo	10	331
Publicidade e Propaganda	10	296
Radialismo	10	238
SOMATÓRIO	39	1.145

Foram observados, durante a coleta de dados, os números de referências elaboradas em desacordo com os padrões determinados pela ABNT, por tipo de material. Os dados obtidos são demonstrados na Tabela 3.

Tabela 3 – Percentual de referências em desacordo por material

MATERIAL	QUANTIDADE	PERCENTAGEM
Livros	266	32,71%
Capítulos de livro	69	8,49 %
Artigos de periódico científico	53	6,52 %
Websites	322	39,61 %
Vídeos	28	3,45 %
Trabalhos apresentados em eventos	21	2,59 %
Jornais e Revistas	23	2,83 %
Monografias, teses e dissertações	31	3,82 %
SOMATÓRIO	813	100 %

Cabe ressaltar que para a análise percentual das referências em desacordo com a ABNT, foram agrupadas as referências de jornais, revistas, monografias, teses e dissertações, pois se estas fossem contabilizadas separadamente, teriam um valor muito baixo para a serem mensurados percentualmente na pesquisa.

Pode-se perceber que, da amostra analisada, todos os cursos possuíram um percentual maior do que 50% nas inconsistências durante a elaboração de referências nos trabalhos finais. O percentual individual é discriminado na Tabela 4.

Tabela 4 – Percentual de referências em desacordo por curso da ECO/UFRJ

CURSO	PERCENTAGEM DE REFERÊNCIAS EM DESACORDO COM A ABNT NBR 6023:2002
Produção Editorial	63,93%
Jornalismo	70,70%
Publicidade e Propaganda	70,61%
Radialismo	80,26%

Tendo em vista os dados obtidos, é possível afirmar que a utilização da norma ABNT NBR 6023:2002 não acontece de forma ampla nos trabalhos analisados, pois somente 29% das referências respeitavam as diretrizes da ABNT em se tratando da normalização.

7.2 Resultados do treinamento no MORE

Apesar da divulgação do treinamento na biblioteca da unidade (por meio de cartaz) e por panfletos entregues aos alunos e professores, o número de inscritos dentro do prazo estipulado foi de apenas uma pessoa. O público-alvo foi acrescido de duas alunas do curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG) que se interessaram em participar do evento.

O treinamento aconteceu no dia e local divulgados; mas, apesar da inscrição e da confirmação enviada, o aluno da Escola de Comunicação inscrito não compareceu.

A avaliação da atividade foi preenchida pelas duas alunas do CBG, as quais mesmo já tendo conhecido o MORE, na disciplina de Normalização da Documentação, consideraram o treinamento relevante, o mecanismo de fácil manuseio e ambas disseram pretender usá-lo como apoio na elaboração das referências de seus trabalhos acadêmicos.

8 CONSIDERAÇÕES

Avaliando todo o processo de planejamento e execução, algumas falhas podem ser percebidas e estas, possivelmente, contribuíram para que o treinamento não atingisse seu público-alvo tal como o pretendido.

A primeira das possíveis questões que podem receber melhorias no futuro diz respeito ao tempo gasto na divulgação do treinamento. Contou-se com apenas três dias para esta divulgação, tendo como recursos apenas panfletos entregues em mãos e cartazes na biblioteca da unidade.

A segunda questão que poderá ser melhor planejada, se refere ao dia e horário da realização do treinamento. Não foi possível realizar um estudo profundo sobre o melhor

horário para atender não só aos alunos, mas também aos prazos de finalização da pesquisa. Desta forma, o horário e dia foram escolhidos pela disponibilidade do laboratório de informática mesmo sendo sabido que muitas turmas da ECO/UFRJ não têm aula às sextas-feiras.

Em terceiro lugar, ocorreu um equívoco provocado na digitação dos cartazes e panfletos de divulgação. A indicação da sala em que se localiza o laboratório onde seria realizado o treinamento foi trocada. Apesar de ser possível localizá-lo pelo nome¹³, este fator pode ter contribuído para que a pessoa inscrita não chegasse ao local determinado.

Como análise mais relevante dessa pesquisa, percebeu-se que a Normalização – mais especificamente neste caso, a normalização na elaboração de referências – ainda não ocupa lugar de destaque na prioridade de alunos e professores.

O curso de Produção Editorial, oferecido pela ECO/UFRJ, tem o objetivo de formar profissionais atuantes na produção, processamento e divulgação da informação publicada em qualquer meio – especialmente nos sistemas industriais de comunicação de massa – capazes de coordenar aspectos contedúísticos, formais e mercadológicos do trânsito dos produtos editoriais¹⁴. Todavia, para atuar no mercado editorial é necessário ter em vista, não só a utilização de normas da ABNT, mas também a sua importância.

Os resultados encontrados, porém, na análise dos dados recolhidos nos projetos finais deste curso, somam 63,93% de referências elaboradas em desacordo com a ABNT NBR 6023:2002. Mesmo sendo mais da metade, estes são os menores índices de discordância durante a elaboração. A Tabela 4 discrimina o percentual de todos os cursos:

Para melhorar o panorama da Normalização da Documentação, em longo prazo, a sugestão é que, juntamente com os orientadores e com os professores das disciplinas de Metodologia de Pesquisa, seja realizado um treinamento no MORE. Desta forma, seriam resolvidos todos os problemas identificados anteriormente, visto que se a realização do treinamento for feita nos horários em que são dadas as disciplinas:

- a) os alunos poderiam estar presentes devido à compatibilidade de horários;

¹³ Núcleo de Computação e Audiovisual do Instituto de Economia (NUCA).

¹⁴ Informação retirada do *website* da ECO/UFRJ. Disponível em:
<<http://www.eco.ufrj.br/portal/academic/producao/producao.html>>. Acesso em: 03 nov. 2010.

- b) haveria facilidade de localização do local, pois a reserva seria feita em um laboratório da própria ECO/UFRJ pelo professor da disciplina de Metodologia da Pesquisa; e
- c) a importância da normalização seria ratificada pelo professor da disciplina.

A pesquisa manteria ainda o caráter de pesquisa participativa – mais especificamente, o método da pesquisa-ação – já que em termos de ação educativa, é importante e necessário que sejam levados em consideração os dados qualitativos levantados e o grau de satisfação dos participantes com relação à apresentação planejada.

Apesar de todos os vieses pelos quais passou a pesquisa, pode-se perceber, claramente, que a questão da Normalização precisa ser mais divulgada no meio acadêmico, assim como deve ser motivado o seu pleno uso.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de. Avaliação de serviços de informação, programas e projetos. In: _____. **Planejamento de bibliotecas e serviços de informação**. 2.ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2005. p. 11-36.

ALVES, Maria Bernadete Martins; MENDES, Leandro Luiz Mendes; ALVES, João Bosco da Mota. MORE: Mecanismo On-line para Referências. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 14., 2006, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBA, 2006. Pen Drive.

_____; SOUZA, Gilberto Corrêa de; ALVES, João Bosco da Mota. Consolidação do MORE: uso e novas possibilidades. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 15., 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: CRUESP, 2008. p. 1-11. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/pdfs/2779.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2010.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

BRUCE, Christine. **Seven faces of Information Literacy in higher education**. 1997. Disponível em: <<http://sky.fit.qut.edu.au/~bruce/il/faces.jsp>>. Acesso em: 23 out. 2003. Documento traduzido e compactado para a disciplina de Competência em Informação, ministrada pela Professora Maria das Graças Freitas Souza filho, no Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG/UFRJ).

CENTRO DE CAPACITAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS. História da normalização. In: ENCONTRO NACIONAL DE DOCENTES SOBRE NORMAS TÉCNICAS, 3., 1985, São Leopoldo. **Anais...** São Leopoldo: INMETRO, 1985, p. 1-9.

DODEBEI, Vera Lucia Doyle. **Tesouro**: linguagem de representação da memória documentária. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652003000200014>. Acesso em: 26 out. 2010.

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO. Biblioteca da ECO/UFRJ. **Lista dos projetos finais**. Rio de Janeiro, set. 2010. Pen Drive.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GUINCHAT, Claire; MENO, Michel. A normalização. _____. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação**. 2.ed. coor. e aum. por Marie-France Blanquet. Brasília, DF: IBICT, 1994. p. 433-439.

LAU, Jesus. **Diretrizes sobre desenvolvimento de habilidades em informação para a aprendizagem permanente**. México: IFLA, 2007. 55 p. Tradução Regina Célia Baptista Belluzo. Disponível em: <www.febab.org.br/jesus_lau_trad_livro_comp_v_f.doc>. Acesso em: 05 out. 2010.

MATUS SEPULVEDA, Gladys. La investigación cualitativa en Bibliotecología. In: _____.; MOLINA LUQUE, Fidel. **Metodología cualitativa: un aporte de la Sociología para investigar en Bibliotecología**. Valparaíso: Universidad de Playa Ancha de Ciencias de la Educación. Facultad de Humanidades, 2006. Parte II. p. 51-110.

ROTHER, Edna Terezinha. O papel da normalização nas publicações científicas. **Revista Brasileira de Oftalmologia**, Rio de Janeiro, v. 66, n. 4, p.225-226, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-72802007000400001>. Acesso em: 11 ago. 2008.

SOUSA, Margarida Maria de; FUJINO, Asa. A biblioteca universitária como ambiente de aprendizagem no ensino superior: desafios e perspectivas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa. **Anais eletrônicos....** João Pessoa: UFPB, 2009. p.1780-1798. Disponível em: <<http://bit.ly/amzkWO>>. Acesso em: 10 out. 2010.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 17.ed. São Paulo: Cortez, 2009a.

_____. **Pesquisa-ação nas organizações**. 2.ed. São Paulo: Altas, 2009b.

VARGAS, Graziela Mônaco. **Estudos básicos sobre normalização: origem, conceitos e organismos reguladores**. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Disponível em: <http://rabci.org/rabci/sites/default/files/Trabalho_FINAL_Normalizacao.pdf>. Acesso em: 26 out. 2010.

APÊNDICE A – Modelo para coleta de dados

MODELO PARA COLETA DE DADOS

Identificação

Informações do documento

Ano de entrega: _____ Curso/Área: _____

Aluno:

Orientador:

Co-orientador:

Título:

Número total de páginas: _____

Informações das referências

Número total de referências: _____

MATERIAL	NÚMERO	CITAÇÃO ELETRÔNICA
LIVROS		
EVENTOS		
ARTIGOS DE PERIÓDICO		
TESES		
DISSERTAÇÕES		
MONOGRAFIAS		

TREINAMENTO PARA ALUNOS E PROFESSORES DA ECO/UFRJ

**MECANISMO ON-LINE PARA
REFERÊNCIAS**

BENEFÍCIOS

- *Elaboração rápida e simples;*
- *Armazenagem das referências já feitas;*
- *Acesso gratuito em qualquer lugar através da Internet;*
- *Produção de referências de sites, blogs e de qualquer documento eletrônico (URL);*
- *Obedece às determinações da ABNT*

Esta ferramenta ajuda na elaboração de referências para trabalhos acadêmicos, incluindo o Projeto Final.

DATA	29/10 (sexta-feira)
HORÁRIO	11h às 13h
LOCAL	Laboratório de Informática 01 NUCA (FACC/IE) sala 227

Inscriva-se gratuitamente até 23h59min do dia 28/10 através do email:
naretas@gmail.com

APÊNDICE C – Questionário de avaliação do treinamento

QUESTIONÁRIO

Considera relevante a elaboração das referências de acordo com a ABNT?

Sim Não

Achou o Mecanismo On-line para Referências fácil de usar?

Sim Não

Pretende usá-lo para elaborar as referências de seus trabalhos acadêmicos?

Sim Não

Qual nota daria para a relevância do treinamento?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Caso queira receber a apresentação em Powerpoint deixe o seu e-mail abaixo:
